

1

O Natal chegava todo mês na Unidade de Abertos/Não Resolvidos. Era quando a tenente passeava como Papai Noel pela sala do esquadrão, distribuindo as missões para as seis equipes de detetives como se fossem presentes. Os *cold hits*, como eles chamavam a identificação de um novo suspeito no arquivo morto, eram a parte vital da unidade. As equipes não esperavam por emergências e homicídios recentes na Abertos/Não Resolvidos. Esperavam por *cold hits*.

A Unidade de Abertos/Não Resolvidos investigava homicídios não solucionados com até cinquenta anos da ocorrência, em Los Angeles. Havia doze detetives, um secretário, um supervisor do esquadrão, conhecido como capataz, e a tenente. E havia dez mil casos. As primeiras cinco equipes dividiam os cinquenta anos, cada dupla pegando dez anos escolhidos ao acaso. A tarefa deles era desenterrar do arquivo morto todos os casos de homicídio não resolvidos nos anos de que tinham ficado incumbidos, avaliar e submeter a evidência antiga, que ficara armazenada e esquecida, a uma nova análise, com tecnologia moderna. Todos os pedidos de DNA ficavam nas mãos do novo laboratório regional na Cal State. Quando o DNA de um caso antigo batia com o de um indivíduo cujo perfil genético figurava em algum banco de dados de DNA do país, isso era chamado de *cold hit*. O laboratório postava os avisos de *cold hit* todo fim de mês. Eles chegariam um ou dois dias mais tarde no Edifício de Administração da Polícia (Police Administration Building [PAB]), no centro de Los Angeles. Em geral, às oito da manhã nesse dia, a tenente abria a porta de sua sala para se dirigir ao esquadrão. Ela carregava os envelopes na mão. Cada formulário era enviado individualmente em um envelope ofício amarelo.

Em geral, os envelopes eram entregues aos mesmos detetives que haviam submetido a evidência de DNA ao laboratório. Mas às vezes havia *cold hits* demais para que uma determinada equipe cuidasse da leva toda. Os detetives incumbidos podiam estar em um julgamento no tribunal, de férias ou de licença. E às vezes os *cold hits* envolviam circunstâncias que exigiam o máximo de perícia e experiência. Era aí que a sexta equipe entrava. Os detetives Harry Bosch e David Chu eram a sexta equipe. Eles eram os coringas. Lidavam com casos excedentes e investigações especiais.

Na segunda de manhã, dia 3 de outubro, a tenente Gail Duvall abriu a porta de sua sala segurando apenas três envelopes amarelos. Harry Bosch quase suspirou de tristeza ao ver um retorno tão pobre dos pedidos de exame de DNA feitos pelo esquadrão. Ele sabia que com tão poucos envelopes não receberia um novo caso para trabalhar.

Bosch voltara à unidade fazia quase um ano agora, depois de dois anos de uma nova atribuição na Especial de Homicídios. Mas ao voltar para sua segunda passagem na Abertos/Não Resolvidos, ele rapidamente entrara no ritmo do esquadrão. Aquilo ali não era nenhum esquadrão de aviadores. Ninguém saía correndo do prédio para se dirigir a uma cena de crime. Na verdade, não havia cenas de crime. Apenas pastas e caixas de arquivos. Era antes de mais nada uma jornada de trabalho das oito às quatro com um porém, esse porém significando que havia mais viagens a serem feitas do que em outros esquadrões de detetives. As pessoas que se safavam após cometer um assassinato, ou que pelo menos acreditavam ter se safado, tendiam a não ficar por perto. Elas se mudavam para algum outro lugar, e muitas vezes os detetives da Abertos/Não Resolvidos tinham de ir atrás delas.

Uma boa parte do ritmo de trabalho era o ciclo de espera todo mês pela chegada dos envelopes amarelos. Às vezes Bosch tinha dificuldade de dormir nas noites que antecediam o Natal. Ele nunca tirava um tempo para cuidar de qualquer outra coisa durante a primeira semana do mês e nunca chegava atrasado ao trabalho se havia alguma chance de que os envelopes amarelos pudessem ser entregues. Até mesmo sua filha adolescente notava seu ciclo mensal de expectativa e agitação e gostava de compará-lo a um ciclo menstrual. Bosch não achava a menor graça na comparação e ficava constrangido sempre que ela tocava no assunto.

Nesse minuto, sua decepção com a visão de tão poucos envelopes na mão da tenente era algo palpável em sua garganta. Ele queria um novo caso. Ele *precisava* de um novo caso. Precisava olhar o rosto do assassino quando batesse na porta e mostrasse o distintivo, a encarnação da inesperada justiça aparecen-

do para uma visitinha depois de todos aqueles anos. Era um vício e Bosch estava na fissura.

A tenente entregou o primeiro envelope para Rick Jackson. Ele e seu parceiro, Rich Bengtson eram investigadores sólidos que estavam com a unidade desde o começo. Bosch não tinha do que se queixar quanto a isso. O envelope seguinte foi deixado sobre a mesa vazia pertencente a Teddy Baker. Ela e seu parceiro Greg Kehoe estavam voltando de um caso em Tampa — um piloto de aviação comercial que fora ligado por impressões digitais ao estrangulamento em 1991 de uma aeromoça em Marina del Rey.

Bosch já ia sugerir para a tenente que Baker e Kehoe talvez estivessem muito ocupados com o caso em Marina e que o envelope poderia ser entregue para outra dupla — a saber, a sua — quando a tenente olhou para ele e usou o último envelope que tinha na mão para acenar que entrasse em sua sala.

— Vocês dois podem dar um pulo aqui um minuto? Você também, Tim.

Tim Marcia era o capataz do esquadrão, o detetive três que cuidava da maioria das tarefas de supervisão e preenchimento de papelada da unidade. Ele atuava como mentor dos detetives mais novos e não deixava os mais velhos perderem o pique. Com Jackson e Bosch sendo os dois únicos investigadores que se encaixavam na segunda categoria, Marcia tinha muito pouco com que se preocupar, nesse aspecto. Tanto Jackson como Bosch continuavam na unidade porque eram ávidos por resolver casos.

Bosch levantara da cadeira antes mesmo que a tenente tivesse tempo de terminar a frase. Ele se encaminhou à sala da tenente com Chu e Marcia vindo atrás.

— Fechem a porta — disse Duvall. — Sentem.

Gail Duvall tinha uma sala de canto, com janelas dando vista para o prédio do *Los Angeles Times*, do outro lado da Spring Street. Paranoica de que houvesse repórteres espionando da redação, Duvall mantinha as persianas permanentemente abaixadas. Isso deixava sua sala escura, parecendo uma caverna. Bosch e Chu sentaram nas duas cadeiras posicionadas diante da mesa da tenente. Marcia veio atrás, passou pela lateral da mesa de Duvall e recostou-se em um velho cofre de evidências.

— Quero que vocês dois cuidem desse *cold hit* — ela disse, estendendo o envelope para Bosch. — Tem alguma coisa errada nessa história e quero que mantenham o assunto em segredo até descobrirem o que está acontecendo. Podem deixar o Tim por dentro, mas sejam discretos.

O envelope já fora aberto. Chu curvou-se para olhar quando Harry virou a aba e puxou o formulário preenchido. O papel mostrava o número do caso para

o qual a evidência de DNA fora submetida a novo exame, além do nome, idade, último endereço conhecido e histórico criminal da pessoa cujo perfil genético batia com a evidência. A primeira coisa que Bosch observou foi que o número do caso tinha um prefixo 89, significando que era uma ocorrência de 1989. Não havia detalhes sobre o crime, só o ano. Mas Bosch sabia que casos de 1989 pertenciam à equipe de Ross Shuler e Adriana Dolan. Ele sabia disso porque 1989 fora um ano cheio para ele, trabalhando na Especial de Homicídios, e recentemente ele verificara um de seus próprios crimes não resolvidos e descobrira que a jurisdição de casos desse ano cabia a Shuler e Dolan. A dupla era conhecida na unidade como “as crianças”. Eram investigadores jovens, entusiasmados e muito capazes, mas suas carreiras juntas somavam pouco mais do que oito anos de experiência no trabalho com homicídios. Se havia alguma coisa incomum sobre esse *cold hit*, não era nenhuma surpresa a tenente querer Bosch envolvido. Bosch trabalhara em mais casos de assassinato do que todos os outros investigadores da unidade juntos. Claro, tirando Jackson. O homem estava ali desde sempre.

Bosch em seguida olhou o nome no formulário. Clayton S. Pell. Não significava nada para ele. Mas a ficha de Pell incluía numerosas detenções pela polícia e três condenações separadas por atentado ao pudor, prisão ilegal e estupro. Ele passara seis anos na prisão pelo estupro, antes de ser solto, dezoito meses mais cedo. Vivia em liberdade condicional havia quatro anos e seu último endereço conhecido fora fornecido pela comissão de avaliação do departamento de condicionais. Estava morando em uma instituição de amparo e recuperação para criminosos sexuais em Panorama City.

Baseado na ficha de Pell, Bosch acreditava que o caso de 1989 devia ser um assassinato ligado a sexo. Sentiu um começo de tensão crescendo dentro dele. Sairia dali, pegaria Clayton Pell e o levaria à justiça.

— Está vendo? — perguntou Duvall.

— Vendo o quê? — perguntou Bosch. — Que foi um crime sexual? Esse cara é o predador cláss...

— A data de nascimento — disse Duvall.

Bosch voltou a baixar os olhos para o formulário e Chu se curvou um pouco mais.

— Estou, bem aqui — disse Bosch. — Nove de novembro de 1981. O que isso tem a...

— Novo demais — disse Chu.

Bosch o relanceou e depois voltou ao formulário. De repente se tocou. Clayton Pell nascera em 1981. Tinha só oito anos na época do homicídio indicada no papel.

— Exato — disse Duvall. — Então eu quero que vocês peguem todo o material levantado pelo Shuler e pela Dolan e descubram com a maior discriminação o que está acontecendo aqui. Estou rezando para que não tenham misturado dois casos diferentes.

Bosch sabia que se Shuler e Dolan tivessem de algum modo enviado material genético do caso antigo rotulado sob um mais recente, então os dois casos estariam contaminados e sem qualquer esperança de um eventual processo.

— Como você ia dizendo — continuou Duvall —, esse cara no formulário é um predador, sem sombra de dúvida, mas acho meio difícil ele ter cometido um homicídio e saído impune quando tinha oito anos de idade. Então alguma coisa não se encaixa. Descubram o que é e tragam para mim antes de tomar qualquer atitude. Se eles fizeram alguma merda e a gente conseguir consertar, então não vou precisar me preocupar com corregedoria nem nada assim. É só manter entre a gente.

Talvez parecesse que ela tentava proteger Shuler e Dolan da corregedoria, mas também estava se protegendo, e Bosch sabia. Não haveria muita perspectiva de subir no departamento para um tenente que passara por um escândalo de manuseio de evidência em sua própria unidade.

— Que outros anos foram designados para o Shuler e a Dolan? — quis saber Bosch.

— Recentemente eles ficaram com 1997 e 2000 — disse Marcia. — Isso pode ter vindo de algum caso em que eles trabalharam num desses dois anos.

Bosch balançou a cabeça. Já conseguia ver o cenário. O manuseio negligente da evidência genética de um caso levando ao cruzamento com outro. O resultado final seriam dois casos contaminados e o escândalo contaminaria todo mundo que pusesse a mão naquilo.

— O que a gente fala para o Shuler e a Dolan? — perguntou Chu. — Qual é o motivo para a gente tirar o caso deles?

Duvall olhou para Marcia, esperando uma resposta.

— Eles têm um julgamento em breve — sugeriu ele. — A seleção do júri começa na quinta.

Duvall balançou a cabeça.

— Vou falar para os dois que quero que fiquem só nisso.

— E se eles disserem que querem o caso mesmo assim? — perguntou Chu. — E se disserem que conseguem cuidar disso?

— Eu falo que não dá — disse Duvall. — Mais alguma coisa, detetives? Bosch olhou para ela.

— A gente pega esse negócio, tenente, e vê no que vai dar. Mas eu não investigo outros policiais.

— Sem problema. Não estou pedindo para fazer isso. Só dá uma olhada no caso e descobre como foi que o DNA apontou para uma criança de oito anos, ok?

Bosch fez que sim e começou a se levantar.

— Mas não esqueçam — acrescentou Duvall —, falem comigo antes de fazer qualquer coisa com o que descobrirem.

— Pode deixar — disse Bosch.

Os dois se prepararam para sair da sala.

— Harry — disse a tenente. — Espera só um segundo.

Bosch olhou para Chu e ergueu as sobrancelhas. Ele não sabia do que se tratava. A tenente deu a volta em sua mesa e fechou a porta depois que Chu e Marcia saíram. Continuou de pé, com ar sério.

— Só queria que você soubesse que saiu a resposta para o seu requerimento de extensão no DROP.* Eles deram quatro anos para você, retroativos.

Bosch olhou para ela, fazendo as contas. Balançou a cabeça. Havia pedido o máximo — cinco anos, não retroativos —, mas aceitava o que viesse. Não dava para sustentá-lo muito depois que sua filha houvesse terminado o colegial, mas era melhor do que nada.

— Bom, fico feliz — disse Duvall. — Significa que você vai continuar mais trinta e nove meses com a gente.

Seu tom de voz indicava que percebera o desapontamento em seu rosto.

— Não — ele emendou rápido. — Fico feliz. Só estava pensando em como ia ficar em relação a minha filha. É ótimo. Estou contente.

— Ótimo, então.

Era seu jeito de dizer que a reunião terminara. Bosch agradeceu e saiu da sala. Quando passou pela porta, olhou para o vasto ambiente com suas mesas, divisórias e arquivos. Sabia que estava em casa e que poderia continuar ali — por ora.

* DROP era o Plano Opcional de Aposentadoria Adiada (Deferred Retirement Option Plan) (N. do E.)